

Feminização, estigma e o gênero facializado: a construção moral do gênero feminino por meio de cirurgias de feminização facial para travestis e mulheres transexuais

Feminization, stigma and the facial gender: the moral construction of the female gender through facial feminization surgeries for transgender women

Aureliano Lopes da Silva Junior

Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Laboratório Integrado em Diversidade Sexual e de Gênero, Políticas e Direitos. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
E-mail: aurelianolopes@gmail.com

Resumo

Este artigo objetiva analisar os discursos de gênero construídos em torno das chamadas “cirurgias de feminização facial” tanto pelo discurso científico biomédico como por clínicas que oferecem tais procedimentos, os quais têm se tornado bastante populares entre travestis e mulheres transexuais. A partir de levantamento bibliográfico feito no website Google Acadêmico, inicialmente analiso artigos científicos do campo biomédico que buscam construir uma noção de gênero - ou uma identificação de gênero - por meio do conjunto dos traços faciais. Essa literatura biomédica fornece as bases a partir das quais profissionais e clínicas médicas construirão discursos e práticas acerca da “necessidade” e, por conseguinte, de um desejo desse tipo de intervenção para travestis e mulheres transexuais. Na sequência, analiso como tal discurso é encarnado (*embodied*) na descrição e na técnica dos procedimentos cirúrgicos da dita feminização facial a partir de material etnográfico de tese de doutorado sobre o Miss T Brasil, concurso de beleza voltado para travestis e mulheres transexuais. Os resultados demonstram que tanto o saber biomédico como as práticas em torno de tais cirurgias se pautam em ideais de constituição de uma “naturalidade” nos traços faciais e preservação de uma identidade reconhecida como pessoal. Constrói-se e visibiliza-se, assim, determinada feminilidade para travestis e mulheres transexuais que tanto parece corresponder a desejos pessoais de se alcançar um ideal normativo e socialmente validado de feminino,

Correspondência

Rua São Francisco Xavier, 524, 3 andar, bloco E, sala 3025.
Rio de Janeiro, RJ, Brasil. CEP 20550-013

ao mesmo tempo que se promoveria o encobrimento de um estigma ao se permitir que elas “passem por” mulher em uma relação social ordinária.

Palavras-chave: Cirurgias Plásticas; Feminização Facial; Transexualidade; Travestilidade; Estigma.

Abstract

The objective of this article is to analyze gender discourses constructed around the so-called facial feminization surgeries, both by the scientific biomedical discourse and by clinics offering such procedures, which became very popular among transgender women. From a bibliographical survey made on the Google Scholar website, I present an initial analysis of scientific biomedical articles that seek to construct an idea of gender - or a gender identification - through the set of facial features. This biomedical literature provides the bases from which professionals and medical clinics will construct discourses and practices on the “need” and, consequently, the desire of this type of intervention for transgender women. Then, I analyze how this discourse is embodied in the description and technique of the surgical procedures of the so-called facial feminization from the ethnographic material of a doctoral thesis on “Miss T Brasil”, a beauty pageant for transgender women. The results shows that both the biomedical knowledge and the practices surrounding such surgeries are based on the ideals that constitute a “naturalness” in facial features and the preservation of a recognized personal identity. A certain femininity for transgender women is thus constructed and made visible, which seems to correspond to personal desires to achieve a normatively and socially accepted feminine ideal, as it promotes the concealment of a stigma by allowing them to “pass” as a woman in an ordinary social relation.

Keywords: Plastic Surgeries; Facial Feminization; Transsexuality; Travesti; Stigma.

Introdução

Diário de campo, 30 de novembro de 2014 - Transcrição da palestra da equipe da Facialteam¹ no Miss T Brasil 2014

Palestrante: A mandíbula [masculina] geralmente é muito larga, o rosto feminino é triangular, pra dentro. Do homem é pra fora. Então tem que tirar essa angulação aqui, tá? [...] Você [indicando uma candidata na plateia] tinha perguntado do seu queixo, por exemplo, eu faria o seu queixo. Traria um pouquinho pra frente. Tudo isso usando seu próprio osso, sem silicone [...] Tirar esses excessos ósseos laterais. [...]

Candidata: Tá, querida, olha isso!

Palestrante: Então hoje em dia são cirurgias todas feitas com cortes internos. A gente usa uma serra ultrassônica. A única equipe no mundo que usa uma serra ultrassônica pra fazer essa cirurgia somos nós. Qual que é o diferencial dessa serra? Ela tem uma frequência sonora que corta só osso. Então ela não corta nervo, não corta músculo, não corta pele, mesmo se a gente não estivesse vendo. “Ah, passei em cima do... da pele”. Não vai cortar, porque ela só corta osso, [foi] feita pra isso.

Candidata 1: Olha que legal, que tecnologia legal!

Candidata 2: Passada!

Palestrante: E mais uma vez, lembrem-se: tudo por dentro da boca. Se vocês encontrarem uma amiga: “Ah, eu vou fazer, mas ele falou que é um cortezinho pequenininho aqui por fora”. Não façam. Não façam, tem que ser por dentro. Uma semana depois tá totalmente fechado.

Candidata: Se vocês acharem alguém que operou a mandíbula e não tem cicatriz foi na Facialteam! [risos].

O trecho transcrito foi de um dos momentos da palestra sobre feminização facial realizada pela clínica Facialteam durante as atividades oficiais do concurso de beleza Miss T Brasil 2014.

¹ Clínica especializada em cirurgias de feminização facial com filial na cidade de São Paulo e apoiadora do concurso Miss T Brasil nos anos de 2012, 2013 e 2014. Em todos esses anos, um médico cirurgião e algumas profissionais de tal clínica estiveram presentes nos bastidores do Miss T Brasil realizando palestras sobre tais procedimentos cirúrgicos ofertados pela Facialteam, e também participaram como membros do júri do certame no momento do espetáculo de eleição da Miss T. Menciono o nome de tal clínica tanto por ter obtido autorização oral para registrar sua palestra durante meu trabalho de campo do doutorado como também por informações análogas serem disponibilizadas publicamente pela Facialteam em sites e vídeos on-line.

O Miss T Brasil é um concurso de beleza para travestis e mulheres transexuais iniciado em 2012 na cidade do Rio de Janeiro e que se caracterizava como “uma ação proposta pela Associação de Travestis e Transexuais do RJ, criada por ‘Majorie Marchi’, para visibilizar positivamente os segmentos de Travestis e Transexuais, realizando um Certame de beleza específico a nível nacional para estes segmentos” (Miss T Brasil, 2012). Desde sua proposição, esse concurso de beleza foi construído como um projeto político, cercado-se de um discurso no qual a construção de uma “visibilidade positiva” por meio da produção e veiculação da imagem de belos corpos de misses era sua tônica principal. Utilizando-se dessa noção de “visibilidade positiva”, que, segundo Carvalho (2015), tem sido um dos grandes motes políticos do movimento de travestis e transexuais no Brasil, o Miss T objetivava construir imagens socialmente reconhecidas como belas e que seriam, portanto, “positivas” em um imaginário social que geralmente associa travestilidade e transexualidade à marginalidade e/ou a uma condição patológica, como aquelas ainda nomeadas e classificadas pelo saber biomédico como Disforia de Gênero (APA, 2014).

O feminino construído como belo e que será espetacularmente exibido em um concurso de beleza muitas vezes é concebido pelo senso comum como o “feminino universal” ou a “beleza universal” (Batista, 1997), de modo que tal ideal de beleza e feminilidade acaba sendo tido como “o padrão a ser alcançado ou uma espécie de medida a partir da qual toda beleza feminina seria percebida e qualificada” (Silva Junior, 2017). Esse padrão ganhará corpo no encarne² e na valorização de caracteres como magreza, pele branca, cabelos lisos e silhueta longilínea. E, como afirma Giacomini (2006, p. 131-132), no contexto de um concurso de beleza, “qualidades estéticas, morais e intelectuais [...] [serão sobrepostas a] qualidades plásticas, estéticas e corpóreas das candidatas”, o que permite que tanto no contexto do Miss T Brasil como de forma geral esse ideal de corpo seja concebido como não “exagerado” e/ou “proporcional”, ou seja, mais próximo do que seria social e normativamente nomeado como “natural”.

Neste sentido, aquilo nomeado como beleza no contexto do Miss T se relaciona diretamente tanto a caracteres morais acerca de uma “beleza nobilitada” (Rahier, 1998) como a um rol de modificações corporais, procedimentos e concepções de corpo segundo determinada construção de gênero, classe social e raça/etnia. Visando se encarnar segundo ditames de uma distinção social (Boltanski, 2004; Bourdieu, 2007; Edmonds, 2010), corpos serão construídos de acordo com ideais de harmonia e equilíbrio (Giacomini, 2006), que tanto os aproximariam do ideal de beleza (autoproclamada universal) das classes mais altas como os afastariam dos corpos das classes populares, que as camadas médias tendem a ver como excessivos em suas formas e comportamentos. Em muitos casos, esses corpos das classes populares também serão racializados como não brancos ou negros, como na figura da “mulher negra, em especial a mulata, [que] aparece extremamente sexualizada, descontrolada e disponível” (Giacomini, 2006, p. 131), ou seja, tida como excessiva em sua construção corporal e comportamentos e, por isso, distante dos ideais brancos das camadas médias.

Na construção desse corpo então marcado pela distinção social por meio da identificação de uma beleza feminina embranquecida e cisgênera nomeada universal, o rosto parece ganhar preponderância, visto ser uma espécie de identificação social imediata ou, como podemos depreender da análise de Judith Butler (2011), algo passível de ser construído como a imagem representativa da alteridade e, portanto, daquilo que estereotipicamente identificaremos como humano ou inumano. É nesse sentido que as cirurgias de feminização facial para travestis e mulheres transexuais têm ganhado popularidade, visto buscarem alinhar um rosto que socialmente pode ser identificado como masculino a um corpo geralmente construído e percebido como feminino no meio social. As cirurgias de feminização facial contribuem para a visibilização de determinada feminilidade para travestis e mulheres transexuais que parece corresponder a um desejo pessoal de alcançar tal feminino ao mesmo tempo que

2 Utilizarei o termo “encarnar” como tradução da noção de *embodiment*: a materialização de determinada corporalidade e sua consequente percepção e reconhecimento no meio social (Connel, 2012; Ochoa, 2014).

promoveria o encobrimento de um estigma (Goffman, 2004) ao permitir que ela “passe por” mulher cisgênero³ em uma relação social ordinária ou face a face.

Cabe ressaltar que essa “beleza universal” normativa e restritiva, geralmente proclamada como desejável em um concurso de beleza, era o padrão também presente nos ideais do Miss T Brasil. Assim, as candidatas travestis e mulheres transexuais buscavam de diversas formas constituírem-se segundo tal modelo cisgênero de beleza, o qual é tanto criticado por feministas cisgêneras (Banet-Weiser, 1999; Wolf, 1992) como por ativistas e teóricas transgênero, como Letícia Lanz (2016), que afirma que “na mesma medida em que os concursos de beleza reforçam os estereótipos de gênero, desqualificam e invisibilizam as pessoas trans que não são capazes de preencher esses quesitos de beleza”. Apesar dessas críticas e pretendendo-se um concurso de beleza tradicional, o Miss T Brasil promovia seu ideal de beleza e o colocava como pré-requisito para suas candidatas, o que gerou interesse e abriu espaço para que uma clínica especializada na chamada cirurgia de feminização fácil se tornasse apoiadora do certame. Deste modo, a clínica Facialteam encontrou no concurso um nicho que lhe era interessante e povoado por potenciais clientes, uma vez que o Miss T Brasil acabou por validar seu ideal de beleza e feminilidade ao associar-se à reconhecida clínica cujo procedimento cirúrgico central era extremamente desejado por suas candidatas.

De acordo com o website da Facialteam,

Cirurgia de Feminização Facial (CFF) é o termo dado a um conjunto de procedimentos cirúrgicos que visam alterar um rosto masculino ou que

possua traços faciais pronunciados, para conseguir que essas características sejam suavizadas e harmonizadas tornando-se mais semelhante a um rosto feminino.⁴Facialteam

Nesses casos parece haver um deslocamento daquilo geralmente tido como central na experiência trans, segundo sua estereotipada definição ou classificação psiquiátrica - ou seja, o desejo e a necessidade de uma “readequação” corporal via cirurgia de transgenitalização (Aran; Murta, 2009; Bento, 2006; Bento; Pelúcio, 2012; Murta, 2013; Santos, 2015; Teixeira, 2009) -, para aquilo que seria mais identificável no meio social, ou seja, o rosto e seus traços socialmente generificados.

Em palestra anterior sobre feminização facial, feita para potenciais pacientes e realizada às vésperas da primeira edição do Miss T Brasil, no final de outubro de 2012, um dos cirurgiões da equipe da Facialteam afirmou que “o gênero está no olhar”, ou melhor, que a definição de caracteres faciais como masculinos ou femininos é feita pela tríade mandíbula-testa-olhar, este último entendido como formado pela órbita ocular e sobrancelhas. Deste modo, para se feminizar um rosto seria necessário “modificar o olhar”, suavizando-o para que se torne “mais doce e mais feminino”. Esse profissional destacou ainda que tal cirurgia “não visa tirar a identidade, mas feminizar e suavizar”, inscrever a pessoa identificada como do gênero masculino no nascimento em um gênero feminino, já que este é o desejo expresso por quem procura a feminização facial como também pelo fato de que “identificamos na rua, mesmo que inconsciente[mente], o gênero da pessoa” (Diário de Campo).

Essa ideia de um “passar por” conquistado via cirurgias plásticas é concebida por Gilman (1999)

3 Utilizo o termo “cisgênero” de modo a acompanhar boa parte da produção contemporânea nos campos acadêmico e político dos estudos e/ou questões trans. O sentido deste termo é o mesmo da concepção defendida por Letícia Lanz (2016): “(do grego *cis* = em conformidade com; conforme + gênero) - a pessoa que se encontra bem ajustada ao rótulo de identidade de gênero (mulher ou homem) que recebeu ao nascer em função do seu órgão genital (macho ou fêmea). Indivíduos cisgêneros estão de acordo, e normalmente se sentem confortáveis, com os códigos de conduta (incluindo vestuário) e papéis sociais atribuídos ao gênero a que pertencem, ao contrário de indivíduos transgêneros que, de muitas e variadas formas, se sentem desajustados em relação aos rótulos de gênero que originalmente receberam ao nascer. Nota 1: cisgênero não é identidade, mas a condição sociopolítica-cultural da pessoa que vive em plena conformidade com a classificação de gênero - homem ou mulher - recebida ao nascer em razão da sua genitália de macho ou de fêmea”. O sentido político deste termo reside na submissão das pessoas cisgêneras ao mesmo tipo de nomeação que frequentemente recai sobre pessoas transgêneras, como “o outro” a ser nominado.

4 FACIALTEAM. Disponível em: <<http://facialteam.com.br/>>. Acesso em: 15 mar. 2014.

como um processo de tornar certas características corporais visíveis de determinada forma, ao contrário de um processo de invisibilização ou apagamento de tais caracteres. O objetivo com tais cirurgias seria tornar-se identificável como pertencente a determinado grupo com o qual inicialmente a pessoa não seria identificada. Esse autor menciona, por exemplo, a ideia presente na antropologia do século XIX de que grupos como judeus e africanos se aproximariam tanto na presença de um “sangue negro”, denunciado pela cor da pele, como por traços corporais, em especial o formato do nariz. O que está em jogo aqui seria a delimitação entre um “nós” e um “outro” que o processo de “passar por” - aperfeiçoado com técnicas cirúrgicas que promoviam tal modificação corporal sem deixar cicatrizes que denunciariam tal intervenção - legitimaria como exitoso ou fracassado, de modo que “as técnicas cirúrgicas devem evoluir constantemente para aperfeiçoar a ilusão de que a fronteira entre o paciente e o grupo nunca existiu” (Gilman, 1999, p. 22).

Alexander Edmonds (2010) também aborda a questão das rinoplastias com o objetivo de modificar a percepção étnica do nariz. Em seu trabalho de campo na cidade do Rio de Janeiro, encontrou exemplos como o de Nanci, mulher negra que queria “afinar” seu nariz por considerá-lo, segundo suas palavras, “feio, muito largo. Eu quero refiná-lo, transformá-lo” (p. 143), ou o de Vilmar, paciente advinda de uma família multirracial, que não se identificava como negra e via na rinoplastia a oportunidade de ter seus traços mais próximos da forma como se via (incluindo sua inserção em sua família): “Mas meu nariz puxou o nariz negro. Todo mundo na família tem um nariz fino, mas eu tenho um como o dela, este nariz de porquinho” (p. 146). Aqui também parece haver um processo de “passar por” localizado em alguns traços, redefinindo-os segundo padrões estéticos tidos como universais - o que muitas vezes significa “brancos”, principalmente em contextos de preconceito e discriminação racial (Edmonds, 2010).

Apesar de a análise de Gilman enfatizar invisibilizações e visibilizações em um campo que poderíamos identificar como étnico/racial, penso que podemos utilizar tal argumento para pensar as cirurgias de feminização facial e a construção

daquilo que será nomeado como beleza. Aqui o “passar por” um gênero diferente do atribuído no nascimento se aproxima do processo analisado por Gilman por se tratar de uma identificação social mais imediata. O sentimento de pertença a outro grupo não virá apenas de si, mas de uma identificação e validação pelo outro, que alocará tal sujeito no feminino desejado. Neste sentido, constituem-se como dois âmbitos complementares, porém diversos, aqueles no qual a pessoa será identificada (e se assumirá) como travesti ou mulher transexual: um situa-se na esfera de suas relações mais próximas e o outro no espaço público, no qual não necessariamente desenvolverá relações mais pessoais. É neste último que pode desejar ser visível invisivelmente, ou seja, ser vista, mas não apontada e identificada a todo momento como uma pessoa trans.

Neste caso, ser bela poderia tanto significar a invisibilização de traços na face tidos como masculinos como também se aproximar de um modelo supostamente universal de beleza que garantiria certa legitimidade nos mais diferentes contextos sociais - ainda que a isto se some o apagamento de outros traços aqui confundidos com ou transmutados em caracteres de gênero, como os raciais mencionados pela atriz negra transexual Laverne Cox ao afirmar:

Ainda acho um desafio me achar bonita numa cultura em que os padrões de beleza feminina branca ainda são a norma. [...] Para mim, tornar meus atributos “femininos o bastante” para alcançarem os padrões do meu exigente olhar crítico, bem como das percepções alheias, ainda é uma questão. Por exemplo, depois de muito andar pelas ruas “sem passar”, quer dizer, sem ser percebida como uma mulher não-trans, isso significa para mim, em minha cabeça, que não sou “bonita o bastante”. Mas conforme fui evoluindo e crescendo, percebi que “passar” e “beleza” não têm nada a ver um com o outro. Só que depois de muito pensar sobre cirurgia de feminização facial (CFF), confesso com tristeza que parte do meu desejo de parecer mais “bonita”, mais feminina, é parecer mais branca. Escrever isso me faz chorar. (Cox, 2011)

A tônica racial da rinoplastia esteve presente em recente controvérsia: em artigo publicado pela

equipe da Facialteam no periódico *Jama Facial Plastic Surgery*, Bellinga et al. (2017) descreveram cirurgicamente a técnica da rinoplastia no processo de feminização facial, porém sem maiores discussões sobre as implicações sociais de tais procedimentos. Isto foi matéria de crítica de Jeffrey Spiegel (2017) em comentário encomendado e presente no mesmo número do periódico, o qual questionava a naturalização de um único ideal de beleza no próprio procedimento técnico das cirurgias plásticas, em especial a rinoplastia e a “feminização” de caracteres faciais. Em suas palavras, “embora essas medidas [da técnica cirúrgica] possam fornecer alguma visão sobre o ‘que’ [no original, *what*] da beleza, elas não fornecem uma visão do ‘porquê’ [no original, *why*]” (Spiegel, 2017, p. 181, tradução minha). Cho, Massie e Morrison (2017) reiteraram tal crítica em carta publicada no mesmo periódico, destacando que as medidas para o nariz que Bellinga et al. (2017) apresentaram em seu artigo correspondem a um nariz branco e não à diversidade de tipos de narizes possivelmente encontrados em potenciais clientes/pacientes. Em seu direito de resposta, os primeiros autores afirmaram que consideravam a validade de tais críticas, porém acima de qualquer normalização étnica do nariz, a cirurgia de feminização facial na qual a rinoplastia está incluída leva conjuntamente em consideração “as preferências estéticas da paciente, características antropométricas, idade, etnia, sexo e a relação harmônica entre os terços faciais” (Bellinga; Capitán; Simon, 2017, p. 243). Além disso, reiteraram que a maioria de suas pacientes são clientes brancas europeias, de modo que as medidas para o nariz que apresentaram correspondiam à experiência encontrada em sua clínica sediada na Espanha.

Toda esta discussão nos mostra que o desejo pessoal e a exigência social de um “passar por” no exemplo da construção de uma feminilidade facial em rostos antes tidos como masculinos também encontram eco e são produzidos em prerrogativas do campo biomédico, em especial no campo das cirurgias plásticas. É nesse campo que se constrói a fundamentação dita científica para suas intervenções. Deste modo, constitui-se como objetivo deste artigo analisar os discursos de gênero construídos em torno das chamadas cirurgias de feminização facial tanto nesse discurso científico

biomédico como no discurso e serviços oferecidos por clínicas que realizam tais procedimentos, que têm se tornado cada vez mais populares entre determinado grupo de travestis e mulheres transexuais. A partir de levantamento bibliográfico feito no site Google Acadêmico, apresentarei na próxima seção uma análise de artigos científicos do campo biomédico que buscam construir uma noção de gênero - ou uma identificação de gênero - por meio do conjunto dos traços faciais. Na sequência, analiso como tal discurso aparece encarnado (*embodied*) na descrição e na técnica dos procedimentos cirúrgicos da dita feminização facial a partir de material etnográfico de tese de doutorado sobre o Miss T Brasil, com destaque para a clínica Facialteam, parceira desse certame.

A ciência da feminização facial

Em pioneiro artigo intitulado *What gives a face its gender*, Elizabeth Brown e David Perrett (1993) descrevem um experimento social no qual, por meio de uma série de fotos de rostos masculinos e femininos, chegaram ao que creditaram ser uma média do que seria a face de cada um desses gêneros. Características como olhos, queixo, sobrancelhas, nariz e boca foram então separados individualmente ou em pares e inseridos no “rostro base” do outro gênero. Ainda que reconheçam que “sujeitos do sexo masculino exigiam mais masculinidade para classificar uma face como masculina do que sujeitos do sexo feminino fizeram e, conseqüentemente, menos feminilidade para classificá-la como feminina” (Brown; Perrett, 1993, p. 837) e que os resultados tenham apontado que a imagem do rosto como um todo é de grande importância para a percepção de seu gênero, o que tais autores promovem é uma generificação de caracteres isolados, talvez sugerindo-lhes uma configuração biológica diversa para aquilo que identificaríamos como do masculino ou feminino. Parece haver um esforço para que aquele órgão/caractere contenha em si o gênero da pessoa que o porta, o que exclui toda e qualquer construção social e cultural daquilo que nos identifica como masculinos e/ou femininos e sua conseqüente percepção social.

Além de acreditar que a construção do gênero e sua percepção é um processo cultural e que

englobaria não só o corpo visto como um todo mas também as relações que este estabelece com seu contexto social, todos estes caracteres por eles mencionados poderiam ser modificados via intervenções diversas sem que o objetivo direto fosse identificar-se como masculino ou feminino. Isto demonstra o quanto este argumento pode ser frágil nesta leitura unívoca e restritiva de traços faciais, os quais também poderiam ser lidos de acordo com construções e contextos outros, como a discussão mencionada sobre a manipulação de traços segundo um imperativo de questões e disputas étnico-raciais.⁵

O estudo de Elizabeth Brown e David Perrett (1993) é mencionado em outros experimentos com a mesma finalidade, como Ferrario et al. (1993), Fellous (1997), Cellierino, Borghetti e Sartucci (2004) e Yokoyama et al. (2014). Jean-Marc Fellous (1997) revisa o tema e promove uma crítica a alguns trabalhos, como o já mencionado de Brown e Perrett (1993) ou outros análogos, como o de Ferrario et al. (1993). A crítica de Fellous não é voltada para a impossibilidade de se estabelecer determinada face e seus caracteres em separado como masculinos ou femininos, mas sim para a possível imprecisão dos métodos utilizados. Acerca do trabalho de Ferrario et al. (1993), ele afirma, por exemplo, que “os resultados sugerem que as faces masculinas são mais largas e mais compridas que as faces femininas” (Fellous, 1997, p. 1962), reconhecendo a diferenciação facial de gênero entre faces tidas como masculinas ou femininas, mas avalia que o uso de análise estatística de primeira ordem pode ter sido insuficiente e influenciado o resultado. Neste sentido, baseou-se na análise métrica de Ferrario et al. (1993), mas valeu-se

de uma análise estatística de segunda ordem para analisar a métrica de dois grupos de imagens: um com 52 imagens de bancos de dados (26 masculinas e 26 femininas), das quais um único pesquisador, usando programa de computador desenvolvido para esta finalidade, traçou seus pontos de referência e os normalizou de modo que “funções discriminantes foram obtidas e a discriminação de gênero foi avaliada em conjunto” (Fellous, 1997, p. 1965); outro com 57 imagens (26 femininas e 31 masculinas), apresentando expressões faciais diversas.

Relacionando essa sua análise métrica e estatística de imagens de faces identificadas previamente como masculinas e femininas, Fellous (1997, p. 1969) afirma que

A análise discriminante sugere que a “feminilidade” depende das grandes distâncias entre os cantos externos dos olhos (E3), uma medida da extensão geral dos olhos, grande distância entre os olhos e sobrancelhas (B2), um nariz pequeno (N2), uma estreita (pequena W4) e arredondada (pequena L1) face [...]. A “masculinidade” depende da presença de uma grande largura de narina a narina (N2), ossos malares largos (W4), face comprida (L1), pequena extensão dos olhos (E3) e pequenas distâncias entre as sobrancelhas e os olhos (B2).

Fellous (1997) conclui seu estudo afirmando que a análise estatística dos caracteres da face não é a única responsável pela percepção de gênero, porém, sendo compatível com os estudos que analisaram tal percepção, esses resultados o levam a crer que esse seu verdadeiro escrutínio métrico aponta para bases

5 Em diversos momentos estes argumentos biomédicos se aproximam de outros campos do conhecimento que se esforçavam para constituir-se “cientificamente”, como a criminologia de Cesare Lombroso, fundador da Antropologia Criminal, que buscava localizar o crime no corpo daquele que então estava sendo construído pelo Direito como o delinquente. Em 1893 lançou com William Ferrero *A mulher delinquente, a prostituta e a mulher normal*, no qual analisa comparativamente caracteres anatômicos e comportamentos morais destes três “tipos” de mulheres, concluindo que estes caracteres, principalmente das mulheres delinquentes, se aproximariam de caracteres masculinos. Ele afirmava que “precocidade e virilidade do aspecto é a dupla característica da mulher-criminosa, e serve mais do que qualquer outro recurso para destruir e mascarar seu tipo” (Lombroso, 1898, p. 99), o que se expressaria, por exemplo, em uma “quantidade viril de cabelo em 15%, como contra 5-6% em [mulheres] normais, e 5% em criminosos” (Lombroso, 1898, p. 82) ou no que ele chamou de “assimetria da face”, “presente em 7,7% das delinquentes e em 1,8% das prostitutas” (Lombroso, 1898, p. 77). Lombroso promove um verdadeiro escrutínio do corpo feminino e apresenta diversas fotos para subsidiar seu argumento, além de descrições e concepções morais do que seria característico de mulheres tidas como perigosas ou o “outro constitutivo” da mulher normal: “Fisionomia Viril - Esta característica mostra uma porcentagem de 11,8 em delinquentes, 4 em prostitutas. (Ver Placa I [...] e observe como, especialmente de perfil, esta peculiaridade dá uma aparência dura e cruel aos rostos que em uma visão frontal são por vezes bonitos” (Lombroso, 1898, p. 80). Esta tradição nos mostra o quanto há um radical binarismo entre o masculino e o feminino nos mais diversos saberes e campos sociais e o quanto aquilo que poderia romper tal binarismo acaba sendo construído moralmente como indesejado ou mesmo perigoso.

“estruturais inerentes ao estímulo visual” (p.1973). Sugere, então, que haveria algo estruturalmente determinante na estrutura facial e na forma como uma face é classificada como masculina ou feminina, seja em experimentos análogos ou em nossa vida ordinária, o que, ainda segundo ele, estudos neuropsicológicos poderiam vir a confirmar.

Certa estrutura que possibilitaria a percepção do gênero de determinada face, ainda que não muito bem definida, também é sugerida pelo estudo de Cellerino, Borghetti e Sartucci (2004). Os autores utilizaram-se de 50 imagens pixeladas de rostos masculinos e femininos (25/25) que foram submetidas a 121 observadores (56 homens e 65 mulheres) cujas respostas os levaram a concluir que: “1. Faces masculinas são categorizadas mais eficientemente do que faces femininas. 2. Sujeitos são mais eficientes na categorização de faces do mesmo sexo” (Cellerino; Borghetti; Sartucci, 2004, p. 447). Duas hipóteses, diversas das já mencionadas nos estudos anteriormente citados, são levantadas para explicar tais diferenças. A primeira tem caráter mais sociocultural e, reconhecendo que a identificação do gênero pela face é um processo cognitivo, supõe que essa divergência ocorra devido às diferentes socializações de meninas e meninos na infância, as quais restringem o convívio de cada gênero ao seu próprio grupo. Já a segunda é radicalmente diversa e menciona vários estudos neurofisiológicos para afirmar que “o desenvolvimento e a função do cérebro masculino e feminino são influenciados pelos hormônios esteroides, e esta influência se estende também para a categorização de gênero da face” (Cellerino; Borghetti; Sartucci, 2004, p. 448).

Cellerino, Borghetti e Sartucci (2004) acabam não desenvolvendo analiticamente nenhuma dessas duas hipóteses. A primeira destoa dos outros estudos aqui citados, os quais de modo geral buscam uma explicação estritamente biomédica (e de uma biomedicina mais dura) para a percepção e identificação de uma face como masculina ou feminina. A segunda apenas referencia uma série de artigos que fizeram algum tipo de análise neurofisiológica sem que seus argumentos e/ou resultados sejam apresentados.

Estudo que efetivamente abarca a neurofisiologia é o de Yokoyama et al. (2014), que partem do

princípio de que as faces masculinas e femininas são percebidas segundo essa diferenciação e, então, buscam responder se essa percepção é baseada em caracteres mais isolados ou se ocorre de forma holística pela identificação da face como um todo, como o estudo de Brown e Perrett (1993) em certa medida já propunha. Com base em uma série de medições neurológicas, como das ondas e respostas de determinadas áreas cerebrais aferidas em eletroencefalograma realizado concomitantemente à exposição de estímulos visuais (faces masculinas e femininas), Yokoyama et al. (2014) concluíram que a percepção do gênero da face é um processo holístico, assim como a própria percepção da face como um todo. Eles descartam a hipótese de que caracteres percebidos fora de seu contexto facial poderiam fornecer informações sobre determinado gênero e afirmam que os estudos que chegaram a tal conclusão não estavam exatamente errados, apenas não levaram em conta que uma pessoa, ao ser colocada diante de um estímulo desse tipo, logo o insere em uma face. Esta, por sua vez, é dotada de um gênero e outras características que valoramos socialmente, de modo que o processo de percepção do gênero pela face diz da própria percepção e do processamento daquele estímulo como uma face.

Diversos outros estudos poderiam ainda ser mencionados, como a revisão do tema feita por Adrian Schwaninger et al. (2006), que apresenta conclusões semelhantes às posteriormente encontradas por Yokoyama et al. (2014) acerca da relação entre caracteres individuais e percepção holística da face, ou a tese de doutorado de Jenny Rehnman (2007), que estudou adultos e crianças a fim de relacionar a percepção que tais grupos têm do gênero da face e processos cognitivos que, como sugere, seriam diferentes em homens e mulheres. Forjando uma concepção biologizada das diferenças de gênero identificadas na face e em seus traços, todos esses experimentos e argumentos oferecem a base dita científica para que intervenções cirúrgicas possam ser realizadas (preferencialmente) em travestis e mulheres transexuais de acordo com um protocolo que, juntamente com os construídos diagnóstico e necessidade psiquiátrica de readequação sexual daquele corpo, se justificará por ser então tido como necessário a essa “readequação” dos caracteres da

face. Constrói-se assim um campo de intervenção biomédica e mercado para determinado público, como também a necessidade e o desejo pessoal de submeter-se a ela. As cirurgias de feminização facial podem, então, se não forem incluídas plenamente, ao menos dialogar de modo bastante forte com o dito processo transexualizador: se, como tais estudos tentam afirmar, os traços faciais ou a face como um todo têm um gênero e estes são tidos como tão fundamentais na construção da identidade pessoal e na forma como somos reconhecidos no cotidiano, este tipo de intervenção em pacientes que desejam a transição de gênero seria, então, fundamental para sua própria constituição enquanto sujeito ou pessoa. Como discutirei a seguir, a identificação por mulheres transexuais e/ou travestis de traços faciais que considerariam como masculinos pode acabar sendo vista como um “problema” na sua relação consigo e como um estigma nas mais diversas interações sociais, o que potencialmente a inseriria num mercado de intervenções e procedimentos para feminizar ou “suavizar” sua face.

O encarne da distinção facial de gênero no Miss T Brasil

No contexto do Miss T Brasil, a feminização facial aparecia como sendo bastante desejada e alvo de expectativas e curiosidades. Parecia ser a mais nova e tecnológica intervenção no corpo agora disponível no Brasil, de modo que frases anteriormente ditas em separado como *eu quero fazer meu nariz* ou *eu quero fazer meu queixo* foram sendo substituídas pela frase *eu quero fazer a feminização* [facial]. Influenciadas por essa tecnologia e sua disponibilidade no mercado cosmético-cirúrgico brasileiro, uma concepção do rosto e sua feminilidade parecia estar migrando de uma imagem e intervenções que seriam feitas em caracteres específicos para uma nova concepção/ ideia, talvez mais holística.

Neste sentido, a palestra com a equipe da Facialteam inserida nas atividades oficiais do Miss T Brasil 2014 foi um momento extremamente pedagógico que tanto oferecia tal serviço às candidatas como as ajudava a forjar essa nova concepção de determinado feminino por meio do rosto. Aliada à exibição de muitas imagens de

antes e depois de pacientes e vídeos com imagens em 3D ressaltando todos os aspectos das técnicas e tecnologia utilizadas, a ideia de um médico especialista analisando aquele rosto para torná-lo feminino era bastante apreciada, até porque havia sido frisado que o grande objetivo daquele momento não era que as candidatas realizassem a cirurgia com tal clínica, mas transformá-las em uma espécie de especialistas e multiplicadoras desse tipo de conhecimento cirúrgico-científico: “Hoje vocês vão ter esse embasamento inclusive pra poder discutir: ‘Mas que técnica que o senhor usa? Por onde que você acessa? Quem faz transplante de cabelo? O senhor só raspa ou faz osteotomia?’, todo um sistema [a] que vocês vão se habituar, tá?” (Diário de Campo, transcrição da palestra da Facialteam, Miss T Brasil 2014).

O peso de se estar constante e publicamente em foco, geralmente sob julgamento negativo, nesses casos pode ser o que se deseja evitar, já que de diversas formas há uma exigência social para o enquadre em um dos lados do binarismo de gênero. Neste sentido, o fato de ser uma pessoa trans pode ser positivado em diversos âmbitos da vida, mas para muitas pessoas trans talvez não o seja na rua, na farmácia, no supermercado, ou seja, em espaços públicos cotidianos nos quais se deseja conquistar o “direito à indiferença” (Almeida, 2005). A afirmação pública da transgeneridade é um importante ato político, porém ao mesmo tempo pode constituir um risco em um meio social machista e transfóbico como muitos nos quais vivemos. Como afirma Tiago Duque (2013) acerca de um regime de visibilidade e reconhecimento, este último poderá ser tido como uma das “alternativas contra as experiências de rechaço, discriminação e violência. Aproximar-se [...] daqueles mais inteligíveis - ser identificado como um homem e uma mulher de ‘verdade’, em termos também de classe, raça/cor e idade mais privilegiados - é uma forma de se proteger” (p. 186-187). É neste sentido que a clínica Facialteam justifica a importância da cirurgia de feminização facial:

Porque [sic] realizar a Feminização Facial?

A Cirurgia de Feminização Facial está crescendo principalmente entre as mulheres transsexuais [sic]. Psicologicamente pode ser mais importante

do que a redesignação de sexo ou gênero, pois ajuda a integração social como um indivíduo do sexo feminino. O rosto nos dá a primeira impressão visual e nos permite de forma rápida atribuir diretamente o sexo da pessoa que você está olhando. Enquanto outras partes de nosso corpo podem ser escondidas, camufladas ou exageradas para parecer mais femininas, é bastante difícil criar um aspecto facial feminino sem a Cirurgia de Feminização Facial. Por esse motivo a pessoa que está em transição de masculino para feminino pode se beneficiar dessa cirurgia para transformar seu rosto e ajudar em sua interação social.⁶

A cirurgia de feminização facial viria, então, como a conquista definitiva e encarnada de feminilidade em uma identificação social imediata, ainda mais porque, como afirma Capitán et al. (2014, p. 610), “a principal diferença entre caracteres faciais masculinos e femininos é relacionada à estrutura óssea”. Assim, a diferença sexual e/ou de gênero estaria inscrita no osso, em algo biologicamente fixo e basilar – além do “tipo de pele, distribuição de pelos e gorduras faciais, tipo de cabelo e formato da linha do cabelo, proeminência da cartilagem da tireoide ou do Pomo de Adão, e características diferenciadoras nos tecidos macios, entre outros” (Capitán et al., 2014, p. 610)⁷ -, e não na forma como tal estrutura biológica é construída e valorada culturalmente.

Podemos também conceber esse processo de “passar por” como uma forma de encobrimento e transformação de um estigma em seu contrário. Goffman (2004) analisou esse processo de estigmatização como a estereotipação de toda a vida e do corpo daquele de algum modo marcado por algo identificado como um estigma. Nesta construção de uma noção e experimentação dessa negatividade, Goffman menciona diversos exemplos que têm o rosto como alvo imediato, o qual talvez seja o principal local da identificação daquela pessoa como uma “desviante” ou “estigmatizada”.

Esse autor afirma que este estigma nitidamente visualizado geralmente será manipulado por aquele que o porta, seja de forma direta, na

tentativa de escondê-lo ou corrigi-lo, ou indireta, ao desenvolver outras áreas da vida que de alguma forma compensarão aquele “defeito”. Ele postula ainda que essa manipulação, principalmente aquela direta, pode levar a um processo de vitimização, no qual o estigmatizado se coloca vulnerável a profissionais que oferecem uma série de tratamentos e intervenções visando a correção daquilo que tanto lhe causa dor por ser considerado pela sociedade como moralmente “defeituoso”, “anormal” etc. (Goffman, 2004).

Nesse processo de identificação e estigmatização, o par visibilidade e encobrimento – que poderia levar ao reconhecimento de sua legitimidade social, segundo concepção de Duque (2013) – atua como um jogo no qual a pessoa procurará encobrir seu estigma, tornando-se visível para outrem de forma que este seu estigma não ganhe prioridade na cena e ela seja identificada segundo a apresentação que gostaria de fazer de si. Goffman (2004) afirma que isto pode ser bastante difícil, pois nossas relações cotidianas são mais estreitas do que apenas contatos visuais e breves encontros em locais públicos. Porém, aqui me detenho neste último ponto por ser elemento-chave no desejo e na justificativa de realização da cirurgia de feminização facial.

Esconder sua transexualidade daqueles com quem se relaciona – ou encobri-la, segundo termos de Goffman (2004) – parece ser tarefa quase impossível e não necessariamente desejada. O desejo parece ser mais o de não se tornar visível desta forma no espaço público, pois é ali que estranhos podem identificar esta condição, marcá-la moralmente como um estigma e conseqüentemente se sentirem autorizados a discriminar ou mesmo violentar tal pessoa. Este modo não estigmatizado de ser visto em público foi reafirmado na palestra da equipe da Facialteam ao se reiterar o que constituiria a feminilidade e como poderia ser conquistada ou “melhorada”, embasando-a nos saberes biomédicos encarnados ali:

Então quando a gente olha o rosto, o que identifica esse rosto como feminino, como masculino? Parece uma coisa um pouco vaga, um pouco subjetiva.

6 FACIALTEAM. Disponível em: <<http://facialteam.com.br/>>. Acesso em: 15 mar. 2014.

7 Cabe ressaltar que esses autores também são profissionais da sede da clínica Facialteam, na Espanha.

Então para facilitar a gente dividiu em três aspectos aqui: [...] aspectos primários, secundários e terciários que eu vou falar. Os primários são os aspectos estruturais, né, que eles vêm de acordo com o desenvolvimento de cada pessoa, principalmente por ação hormonal na época da adolescência, da puberdade. Aspectos secundários é o cabelo, a distribuição de gordura, a textura da pele, e durante essa semana a gente discutiu aspectos terciários, que é o que muitas de vocês já sabem, que é maquiagem, postura, forma de falar, de se impor, né, de maneira mais suave e feminina. Importante dizer que esses três aspectos eles são pilares. São três pilares para você ter um resultado completo. Não adianta só fazer a cirurgia se os outros dois aspectos também não estiverem perfeitos. Não adianta você fazer uma boa maquiagem, tomar um bom hormônio, se você tiver uma estrutura óssea que teve uma ação da testosterona e precisa ser operada. Então as estruturas ósseas são modificadas fazendo a cirurgia. (Diário de Campo, transcrição da palestra da Facialteam, Miss T Brasil 2014)

Esse sistema que procuraria alinhar os aspectos primários (nomeados estruturais, como o sistema ósseo), secundários (de cunho mais endocrinológico) e terciários (tidos como comportamentais e sociais) na composição dessa feminilidade para travestis e mulheres transexuais visaria alcançar uma perfeição das formas, o que garantiria expressões como aquelas que as candidatas elaboraram sobre as imagens de antes e depois exibidas pela equipe da Facialteam durante a palestra de 2014: *Gente, ficou belíssima!* (Candidata 1); *Pode fazer na minha cara* (Candidata 2); *Acho que ela ficou mais bonita. Olha lá!* (Candidata 3); *O nariz ela fez também, né? Tá perfeito!* (Candidata 3); *Ah, mas ela já era bonita. Ficou mais ainda* (Candidata 4).

Especialista nos aspectos primários, a equipe da Facialteam versou bastante sobre os procedimentos de modificação da estrutura óssea da face visando sua feminização, com destaque para as intervenções feitas na mandíbula, conforme o excerto que abre este artigo, e na testa:

Palestrante: No final da palestra vocês mesmas vão identificar, seja na foto, seja em alguma conhecida,

aspectos que vocês identificam como **grosseiros**, **aspectos fortes** que chamam muito a atenção, às vezes até trazendo um aspecto mais masculino. Isso principalmente na testa e nessa região aqui do olhar, tá? Então eu falei que são quatro aspectos: aqui a testa; essa região do osso muito forte, têm muitas meninas que têm dificuldade em fazer maquiagem porque o olho tá muito lá no fundo e não consegue fazer a maquiagem nessa região. Geralmente a órbita é mais fechada no homem do que na mulher, então a mulher tem o olho mais aberto, **mais claro, mais leve**, né? E muitas também têm essas duas listas aqui, que também trazem um aspecto muito anguloso pra testa que também dá pra considerar pra cirurgia, né?

Candidata: É como se fosse uma saliência, né?

Palestrante: Isso, duas saliências. Então essa próxima [gritos de espanto ao se mostrar a imagem do antes e depois da paciente] só operou a testa, tá? Ela não fez mais nenhuma outra cirurgia. Você vê que a proporção do rosto muda, parece que ela fez mais coisa.

Candidata: Até o nariz dela mudou.

Palestrante: Levanta a sobrancelha, abre o olhar, deixa o olho sem ficar tão profundo. (Diário de Campo, transcrição da palestra da Facialteam, Miss T Brasil 2014, grifos meus)

Essa concepção da testa como central na identificação do gênero vai ao encontro da afirmação feita na palestra dessa mesma equipe realizada em 2012, de que o gênero estaria visível na estrutura óssea da cavidade ocular, parte do que é chamado de testa. A testa desempenharia papel tão central que mesmo partes faciais muitas vezes não relacionadas diretamente são concebidas como absolutamente influenciadas por ela, como as chamadas maçãs do rosto, alvo de preenchimento com silicone por muitas travestis e mulheres transexuais visando projetá-las de uma forma concebida como feminina: “muitas vezes a percepção de que a maçã do rosto tá muito pra trás na verdade é uma percepção enganosa, né? Por quê? Na verdade, é a testa que tá muito pra frente. Uma vez que você opera a testa é como se você projetasse as maçãs do rosto” (Diário de Campo, transcrição da palestra da Facialteam no Miss T Brasil, 2014).

A conquista da feminilidade para travestis e mulheres transexuais tem grande peso em sua identificação social imediata, além do quanto essa identificação pública pode dar suporte pessoal para que essa feminilidade, corroborada socialmente, também possa ser performativamente reconhecida como algo pessoal e subjetivo, como aquilo que se é. Neste sentido, a feminilidade facial conquistada pela cirurgia de feminização poderá cumprir objetivos pessoais, como o de se sentir mais feminina, mais bonita, entre outros. Porém, destaco a função social de encobrimento de um estigma denunciado pela identificação de traços masculinos em uma apresentação de si feminina, pois esta é a justificativa utilizada por diversas outras clínicas para a realização de tal procedimento, como também é o ponto ressaltado em muitas narrativas de travestis e mulheres transexuais quando afirmam que o que desejam é andar tranquilamente nas ruas sem ser a todo momento identificadas - e logo julgadas moralmente de forma negativa - como pessoa trans. Neste caso, não ser identificada de imediato como uma travesti ou mulher transexual está estreitamente relacionado a ser identificada positivamente de acordo com o gênero feminino agora conquistado, como afirmou uma das candidatas da edição de 2013 do Miss T Brasil ao ser perguntada sobre seu interesse em participar de tal certame:

Meu interesse inicial foi bastante egocêntrico - eu queria ter minha beleza avaliada. A pessoa trans, quando define sua transição como terminada, adquire uma curiosidade por sua aparência e pela opinião dos outros sobre a mesma de uma forma que uma pessoa cis nunca entenderia, tendo estado, digamos, 'o que queria' desde o nascimento. Tem toda uma questão de aprovação externa de sua nova identidade social (Candidata Miss T Brasil em entrevista ao autor, 2013).

Destaco que, à época da edição de 2013 do Miss T Brasil, essa candidata tinha passado fazendo pouco tempo pela cirurgia de feminização facial, de modo que esta aprovação externa a que tal candidata se refere não diz exatamente da aprovação do seu círculo de relações, mas sim do sucesso de sua transição de gênero, ou seja, da não identificação dos

traços masculinos que se pretende apagar/afastar na cirurgia de feminização facial. A opinião sobre si que ela desejava de estranhos se relacionava à construção de sua visibilidade feminina pública e ao afastamento de traços socialmente identificados como masculinos. O rosto feminino alinhado àquela feminilidade expressa corporalmente a inscreveria em um outro lugar, talvez mais legítimo socialmente e, por isso, também mais legítimo para si.

A beleza construída com - e muitas vezes sobreposta a - essa feminilidade parece ser daquele tipo identificado por Edmonds (2010) como sendo "harmonia e regularidade. Aproximando normas de proporção, a beleza paradoxalmente também as transcende, tornando-se tudo menos normal. Beleza é radiante - literalmente direciona os olhos para ela - enquanto a normalidade é discreta" (Edmonds, 2010, p. 147). A beleza então construída via cirurgias plásticas ou qualquer outro meio é aquilo que será raro no cotidiano e, como Alexander Edmonds (2010) destaca, legitima esse "novo" feminino socialmente.

Paradoxalmente, esse "tudo menos normal" (Edmonds, 2010, p. 147) da beleza também exige a construção fictícia de sua suposta naturalidade: o harmônico e proporcional é tido como belo, ainda que tenha sido construído via cirurgias plásticas, tratamentos estéticos, uso de cosméticos variados, entre muitas outras intervenções possíveis. Isso foi corroborado na palestra quando, ao falar sobre a reconstrução da linha do cabelo - uma das formas de se feminizar a testa -, o cirurgião afirmou: "tá vendo que a gente faz essa linha meio em ziguezigue? Na verdade, [ela] acompanha a própria linha do cabelo para deixar natural. E assim que é a linha do cabelo dela, então aqui é feita a incisão [...]. Se a gente fizesse retinho ia ficar muito artificial. Você poderia identificar não pela qualidade da cicatriz, mas pelo... é muito perfeitinho, né?" (Diário de Campo, transcrição da palestra da Facialteam no Miss T Brasil, 2014). Esse aspecto foi igualmente corroborado por uma candidata da primeira edição do Miss T Brasil que não queria "mexer muito" no seu nariz, pois, segundo ela, um nariz "muito feito" não é feminino, já que demonstraria sua não naturalidade.

O artificial aqui também pode se relacionar ao exagero - e que neste caso específico remete à figura das travestis com excesso de silicone pelo corpo,

bastante em voga em décadas passadas -, ao passo que o natural agora valorizado seria o comedido, o não excessivo. Ao apregoar a proporcionalidade do rosto, a cirurgia de feminização facial constituiu-se como o oposto de uma superabundância de modificações feitas sem a preocupação com o todo daquele rosto ou realizadas em quantidade também considerada descomedida:

Palestrante: A gente geralmente mexe no nariz que já foi operado quando existe realmente um problema. Se é um nariz bonito, se é um nariz que não tem um problema respiratório, a gente evita de mexer. Questões estéticas, cada vez que opera, a tendência é que o nariz fique cada vez menor. Como aconteceu o caso mais famoso do Michael Jackson. A primeira cirurgia que foi feita nele foi super bem-feita, só que o problema foi que ele não ficou satisfeito e procurou sempre um cirurgião, e cada vez que vocês procurarem, vocês vão encontrar alguém que vai se comprometer a fazer. (Diário de Campo, transcrição da palestra da Facialteam, Miss T Brasil 2014)

Nesse processo de buscar um comedimento nas intervenções cirúrgicas e uma harmonia das formas, a cicatriz representa uma questão fundamental. Como já postulava Gilman (1999) - e Edmonds (2011), com uma expressão que se tornou título de um de seus textos, *Almost invisible scars* [Cicatrizes quase invisíveis] -, em cirurgias plásticas que se pretendem “naturais” é crucial que cicatrizes não sejam aparentes. Instaure-se aqui novo jogo entre visibilidade/reconhecimento, no qual a não visibilidade da cicatriz garantiria o reconhecimento da suposta naturalidade das formas femininas conquistadas na cirurgia de feminização facial, em especial quanto à manipulação do osso da testa - feita por incisão no topo da cabeça justamente para que a cicatriz permaneça escondida pelo cabelo - e a retirada do pomo de adão:

A traqueia é mais importante de pensar nessa técnica porque a gente não vai fazer um corte diretamente em cima do pomo. Você troca uma proeminência de cartilagem por um corte, corta um estigma, que é natural, que é da própria pessoa, por outro, por um estigma cirúrgico. A pessoa vai

identificar da mesma maneira. De que maneira a gente faz? A gente faz um corte mais próximo do queixo possível. Geralmente localizado aqui [indica a junção entre cabeça e pescoço], a gente não consegue fazer, claro, invisível, mas a gente faz bem na transição que a pessoa de frente não consegue ver nada. Fica embaixo. E a gente usa uma serra diamantada pra poder cortar a cartilagem. (Diário de Campo, transcrição da palestra da Facialteam, Miss T Brasil 2014, grifos meus)

Algumas candidatas demonstravam certa apropriação popular do saber biomédico (Boltanski, 2004; Deppe, 2001) sobre os procedimentos realizados, de modo que absorviam certa nomenclatura médica e falavam com bastante desenvoltura sobre tais temas, desde simples menções ao que havia sido realizado em seus corpos até descrições mais próximas de um discurso especializado, como demonstraram as seguintes candidatas: *Tem pessoas que são mais fáceis dar que loide, né?* (Candidata 2); *E a sobrançelha daquela... redirecionar a sobrançelha. Igual eu já vi muitas técnicas, mas eu sempre vejo com a cicatriz* (Candidata 5); *Não precisa nem tirar [pelos, para implante capilar] daqui de baixo então, que nem uns cirurgiões fazem?* (Candidata 6); *No caso, vocês implantam o bulbo, depois ele cresce, é isso?* (Candidata 6); *Mas a de vocês é como? Porque tem gente que corta aqui, tem gente que faz por dentro...* (Candidata 4).

Acredito que elas tomam para si tal discurso científico por este ser passível de ser inserido naqueles saberes construídos, vivenciados e partilhados em seu cotidiano na construção de seu feminino, como também pela possibilidade de a cirurgia dotá-las de determinado capital simbólico. O acesso a tecnologias tidas como as mais avançadas e a inscrição desse feminino de forma tão “definitiva”, sem cicatrizes aparentes e com resultados considerados muito satisfatórios, tornam quem passa por tais procedimentos uma espécie de embaixadora informal desse tipo de modificação corporal e, quiçá, de algo da ordem do feminino e do belo. Passar pela cirurgia de feminização facial proporciona o desejado “passar por” mulher cisgênero no cotidiano e a inserção em um mercado de bens e consumo muito próximo

de um mercado de luxo mais convencional, como o “turismo cirúrgico” restrito (e restritivo) a quem pode pagar por ele, ao mesmo tempo que pode não haver maiores regulações de tais cirurgias em um mercado global ou transnacional, tornando-as mais acessíveis a qualquer uma que tenha como pagá-las (Connell, 2012).

O Brasil é reconhecido mundialmente como importante destino para realização de cirurgias plásticas (Edmonds, 2011) e, principalmente se comparado aos valores cobrados em países do hemisfério Norte, uma cirurgia no país é muito mais barata e com o mesmo grau de sucesso, eficiência e tecnologia dos grandes centros mundiais. Processo análogo acontece em países como a Tailândia (Aizura, 2010), que conjuga uma moeda desvalorizada em relação ao dólar e ao euro, por exemplo, com profissionais de excelência na realização de uma série de procedimentos relativos à passagem corporal do masculino para o feminino e vice-versa, em especial a cirurgia de transgenitalização.

Há aqui um forte corte de classe, em que cirurgias plásticas que visam um embranquecimento do corpo “foram agora transformadas de um projeto de higiene social em uma prática privada com o objetivo de felicidade e auto-aperfeiçoamento” (Edmonds, 2010, p. 148). O discurso em torno da autoestima é também bastante recorrente neste campo de cirurgias plásticas de modo geral. Localiza no sujeito a responsabilidade sobre sua “melhora” diante de um mundo que sempre pode apontar suas falhas, incompletudes ou mesmo faltas, para utilizar jargão de um discurso psicológico mais tradicional, ou criar novas. Credita-se a esse discurso psicológico - e insisto que este é um dos diversos discursos e práticas psicológicas possíveis - essa melhora ou aprimoramento na forma como cada um se concebe, a qual, segundo Lara Deppe (2001), migrou de uma interiorização absolutamente subjetiva na década de 1970 para seu encarne no corpo e em sua manipulação cirúrgico-cosmética a partir dos anos 1980/1990.

“Melhorar” é um termo e uma noção também comum no campo das cirurgias plásticas, como na anedota contada por Edmonds de um cirurgião que brincava, perguntando: “Qual é a diferença entre um psicanalista e um cirurgião plástico?”

O psicanalista sabe tudo, mas não muda nada. O cirurgião plástico não sabe nada mas muda tudo” (Edmonds, 2010, p. 76). Isto também se manifestava no discurso de uma candidata do Miss T Brasil 2014 que abertamente via seu processo de encarnar um feminino como uma melhora de si: *Então, amiga, eu já venho melhorando gradualmente, né? Porque eu sou trans há pouco tempo. Tem um ano e... pouco mais de um ano e meio. [...] Então, assim eu já venho melhorando de lá independente do concurso. E, assim, esse é o momento que eu tô achando que eu tô mais bonita* (Candidata 7).

Considerações finais

Ao contrário da cirurgia de transgenitalização, que muitas não sabem se desejam realizar ou não, a cirurgia de feminização facial parecia ser consensual entre as candidatas do concurso de beleza Miss T Brasil. Afirmando que a conquista da visibilidade feminina propiciada por tal intervenção pode ser lida no contexto do desejo de “passar por” que tanto encobre um estigma, como talvez seja o âmbito mais visível e identificável de um processo de legitimação de um sujeito feminino baseado em seus traços faciais no cotidiano corriqueiro do espaço público e perante o olhar de estranhos. Deste modo, se fazem pertinentes as já referidas palavras do cirurgião da Facialteam, para quem “o gênero está no olhar”. Segundo ele, o gênero se encontra na estrutura formada pela órbita ocular e sobrancelhas. Porém, talvez possamos deslocar tal ideia e afirmar que o gênero tanto está no olhar de estranhos, que identificarão determinada pessoa como masculina ou feminina, como no olhar de muitas travestis e mulheres transexuais que buscam, no olhar de aprovação ou de indiferença dos outros, o reconhecimento e a legitimação de sua feminilidade.

Objetivando problematizar esse processo de reconhecimento e legitimação social, busquei demonstrar neste artigo como há uma conjugação de saberes biomédicos, técnicas e procedimentos cirúrgicos e a produção de uma necessidade social (encobrimento de um estigma) e um desejo pessoal daquilo que cada vez mais se abre como possibilidade de intervenção para travestis e

mulheres transexuais. Ou melhor, para aquelas travestis e mulheres transexuais que consigam se inserir nesse mercado de bens e consumo de que as cirurgias plásticas, e estas em especial, fazem parte. Nos discursos produzidos tanto por agentes de concursos de beleza como das cirurgias de feminização facial, beleza e feminilidade aparecem praticamente sobrepostas: nesta composição, ser considerada bela é o mesmo que ser socialmente identificada como feminina e vice-versa. Há aqui a produção de determinado regime de visibilidade trans, o qual acaba sendo normativo e restritivo, distanciando-se das inúmeras possibilidades de ser uma pessoa transgênero que recentes esforços ativistas e políticos buscam publicamente afirmar.

Referências

- AIZURA, A. Z. Feminine transformations: gender reassignment surgical tourism in Thailand. *Medical Anthropology*, Philadelphia, v. 29, n. 4, p. 424-443, 2010.
- ALMEIDA, G. S. *Da invisibilidade à vulnerabilidade: percursos do corpo lésbico na cena brasileira face à possibilidade de infecção por DST e AIDS*. 2005. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) - Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.
- APA - AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5*. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- ARAN, M.; MURTA, D. Do diagnóstico de transtorno de identidade de gênero às novas redescobertas da experiência da transexualidade. *Physis*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 15-40, 2009.
- BANET-WEISER, S. *The most beautiful girl in the world: beauty pageants and national identity*. Berkeley: University of California, 1999.
- BATISTA, A. M. F. O. *O telefone sem fio, a sobrinha do presidente e as duas polegadas a mais: concepções de beleza no concurso Miss Universo*. 1997. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997.
- BELLINGA, R. J.; CAPITÁN, L.; SIMON, D. Ethnic considerations for rhinoplasty in facial feminization: reply. *Jama Facial Plastic Surgery*, Chicago, v. 19, n. 3, p. 243-244, 2017.
- BELLINGA, R. J. et al. Technical and clinical considerations for facial feminization surgery with rhinoplasty and related procedures. *Jama Facial Plastic Surgery*, Chicago, v. 19, n. 3, p. 175-181, 2017.
- BENTO, B. *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.
- BENTO, B.; PELUCIO, L. Despatologização do gênero: a politização das identidades abjetas. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 559-568, 2012.
- BOLTANSKI, L. *As classes sociais e o corpo*. São Paulo: Paz e Terra, 2004.
- BOURDIEU, P. *A distinção*. São Paulo: Edusp, 2007.
- BROWN, E.; PERRETT, D. I. What gives a face its gender? *Perception*, London, v. 22, n. 7, p. 829-840, 1993.
- BUTLER, J. Vida precária. *Contemporânea*, São Carlos, v. 1, n. 1, p. 13-33, 2011.
- CAPITÁN, L. et al. Facial feminization surgery: the forehead: surgical techniques and analysis of results. *Plastic and Reconstructive Surgery*, Baltimore, v. 134, n. 4, p. 609-619, 2014.
- CARVALHO, M. F. L. *"Muito prazer, eu existo!": visibilidade e reconhecimento no ativismo de pessoas trans no Brasil*. 2015. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) - Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.
- CELLERINO, A.; BORGHETTI, D.; SARTUCCI, F. Sex differences in face gender recognition in humans. *Brain Research Bulletin*, New York, v. 63, n. 6, p. 443-449, 2004.
- CHO, D. Y.; MASSIE, J. P.; MORRISON, S. D. Ethnic considerations for rhinoplasty in facial feminization. *Jama Facial Plastic Surgery*, Chicago, v. 19, n. 3, p. 243, 2017.

- CONNELL, R. Transsexual women and feminist thought: toward new understanding and new politics. *Signs*, Ann Arbor, v. 37, n. 4, p. 857-881, 2012.
- COX, L. Vamos falar de outras feminilidades: se não sou uma mulher? *Geledes*, 16 ago. 2011. Disponível em: <<https://bit.ly/2II5FWD>>. Acesso em: 10 jun. 2015.
- DEPPE, L. C. L. *A (efi)ciência da beleza: análise da presença do discurso científico na revista Nova*. 2001. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) - Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.
- DUQUE, T. *Gêneros incríveis: identificação, diferenciação e reconhecimento no ato de passar por*. 2013. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.
- EDMONDS, A. *Pretty modern: beauty, sex, and plastic surgery in Brazil*. Durham: Duke University Press, 2010.
- EDMONDS, A. Almost invisible scars: medical tourism to Brazil. *Signs: Journal of Women in Culture and Society*, Boston, v. 40, n. 1, p. 1-20, 2011.
- FELLOUS, J.-M. Gender discrimination and prediction on the basis of facial metric information. *Vision Research*, Oxford, v. 37, n. 14, p. 1961-1973, 1997.
- FERRARIO, V. F. et al. Sexual dimorphism in the human face assessed by Euclidean distance matrix analysis. *Journal of Anatomy*, Oxford, v. 183, n. Pt 3, p. 593-600, 1993.
- GIACOMINI, S. M. *A alma da festa: família, etnicidade e projetos num clube social da Zona Norte do Rio de Janeiro: o Renascença Clube*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: Iuperj, 2006.
- GILMAN, S. *Making the body beautiful: a cultural history of aesthetic surgery*. Princeton: Princeton University Press, 1999.
- GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação de uma identidade deteriorada*. São Paulo: LTD, 2004.
- LANZ, L. *Cisgênero. Dicionário Transgênero*, 20 ago. 2016. Disponível em: <<http://leticialanz.blogspot.com/2016/08/dicionario-transgenero.html>>. Acesso em: 11 jun. 2018.
- LANZ, L. Concursos de beleza são permanentes reforços ao binarismo de gênero e à objetificação da mulher. *Arquivo Transgênero*, 22 set. 2016. Disponível em <<https://bit.ly/2rYLNZ5>>. Acesso em: 15 jan. 2018.
- LOMBROSO, C.; FERRERO, W. *The female offender*. New York: D. Appleton and Company, 1898.
- MISS T BRASIL. Disponível em: <http://www.misstbrasil.com.br/>. Acesso em: 04 set 2012.
- MURTA, D. Entre o transexualismo verdadeiro e a diversidade das experiências trans: uma discussão crítica sobre a produção da identidade transexual universal. In: SILVA, D. A. et al. (Org.). *Feminilidades: corpos e sexualidades em debate*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2013. p. 63-82.
- OCHOA, M. *Queen for a day: transformistas, misses and mass media in Venezuela*. Durham: Duke University Press, 2014.
- RAHIER, J. M. Blackness, the racial/spatial order, migrations, and miss Ecuador 1995-96. *American Anthropologist*, Washington, DC, v. 100, n. 2, p. 421-430, 1998.
- REHNMANN, J. *The role of gender in face recognition*. 2007. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade de Estocolmo, Estocolmo, 2007.
- SANTOS, A. S. *O gênero encarnado: modificações corporais e riscos à saúde de mulheres trans*. 2015. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) - Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.
- SILVA JUNIOR, A. L. Para uma história dos concursos de beleza trans: a criação de memórias e tradição para um certame voltado

para travestis e mulheres transexuais. *Cadernos Pagu*, Campinas, v.50, e175015, 2017.

SCHWANINGER, A. et al. Processing of facial identity and expression: a psychophysical, physiological, and computational perspective. *Progress in Brain Research*, Amsterdam, v. 156, p. 321-343, 2006.

SPIEGEL, J. H. Rhinoplasty as a significant component of facial feminization and beautification. *Jama Facial Plastic Surgery*, Chicago, v. 19, n. 3, p. 181-182, 2017.

TEIXEIRA, F. B. *Vidas que desafiam corpos e sonhos: uma etnografia do construir-se outro no gênero e na sexualidade*. 2009. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

WOLF, N. *O mito da beleza*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

YOKOYAMA, T. et al. A critical role of holistic processing in face gender perception. *Frontiers in Human Neuroscience*, Lausanne, v. 8, p. 477, 2014.

Recebido: 03/10/2017
Reapresentado: 18/01/2018
Aprovado: 20/02/2018